

do conde da Barca, quando se sabe que a coleção do conde só tinha 6 mil e poucos volumes – caso este já contado em detalhe no capítulo II desta obra.

---

O mesmo Luís Marrocos conta também, em carta de 29 de fevereiro de 1812, ano bissexto, três probleminhas que não pensávamos serem tão antigos. O primeiro se refere ao velho tema do aumento salarial, prometido, mas não pago: “A grande intriga que há entre o Conde de Aguiar e o Visconde de Vila Nova da Rainha, sobre jurisdição e governo da Biblioteca, tem embaraçado a cobrança do novo aumento de Ordenado, que já estava arbitrado; quando os grandes brigam, padecem os pequenos.” Quatro anos depois, já em 1819, Marrocos reclama não mais do aumento prometido e não pago, mas de coisa pior: “Desde que fui nomeado Oficial de Secretaria, ainda não recebi coisa alguma dos meus ordenados da Livraria.” O terceiro problema dá conta do eterno e indismalçável novelo das fofocas e perseguições políticas. A carta é ainda de 1819: o visconde acima citado não devia gostar muito de Marrocos, pois um belo dia declarou que o seu cargo na Biblioteca Real estava vago e “tem feito grande força para me esbulhar dele, encaixando no meu lugar os seus afilhados; apesar disso, continuo a exercê-lo”. Sem salário, sem o prometido aumento e lutando contra o nepotismo, Luís Marrocos declara ter uma grande compensação: tinha a insigne honra de, todas as manhãs, poder beijar as mãos de sua majestade o rei. Isto devia compensar todas as demais agruras e, na certa, encher de inveja condes e viscondes! Além do que, morando no palácio, Marrocos devia ter casa e comida, e da boa.

---

Seria possível escrever todo um capítulo sobre os armários e cofres da Biblioteca Nacional. Pesadões e pintados de cores escuras, são tantos, espalhados pelas salas, pelos porões, pelos corredores, que facilmente fazem a imaginação correr solta na avaliação do seu conteúdo. Duas histórias sobre armários e cofres são verdadeiras. E bem recentes. O fato de serem tantos,